

## “TINHA CEBOLA DESMAIADA”: BAKHTIN E O PESQUISAR COM

Jader Janer Moreira Lopes<sup>1</sup>  
Marisol Barenco de Mello<sup>2</sup>

### Resumo

Neste artigo buscamos refletir sobre o conceito de cronotopia cunhado por Mikhail Bakhtin a partir das relações que esse estabelece com o Pesquisar com. Para isso resgatamos algumas narrativas de pesquisas, narrativas literárias como possibilidades de encontros para o diálogo que se deseja cunhar.

**Palavras-chave:** Cronotopia, pesquisa, pesquisa com

### Resumen

En este artículo se reflexiona sobre el concepto de cronotopia creado por Mikhail Bakhtin e e las relaciones que establece con investigación con. Trabajamos con las narrativas de investigación, narrativas literarias como posibilidades para el diálogo que expresamos en este texto.

**Palabras llave:** Cronotopia, investigación, investigación con

O maior grupo de crianças já haviam chegado, era uma turma de meninos e meninas com idades variando entre 4 e 5 anos. Erámos os dois adultos presentes. Cada um com seus papeis diferenciados, eu estava observando, registrando e desenvolvendo atividades com as crianças sobre registros espaciais, a professora desenvolvia seus trabalhos escolares cotidianos, interpelados pela minha presença.

As crianças estavam em roda, sentadas no chão, começando mais um dia escolar, comentavam sobre o que tinha feito na noite e tarde anterior, tocavam conversas entre elas e com nós, os adultos. Nem todas crianças tinham chegado. A professora me dizia: o frio do inverno faz todo mundo chegar fora da hora. De fato, era inverno e

1 Professor do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense e Universidade Federal de Juiz de Fora. Coordenador do Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância – GRUPEGI/CNPq. Email: [jjanergeo@gmail.com](mailto:jjanergeo@gmail.com)

2 Professora do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Grupo de Pesquisa ATOS e vice coordenadora do Grupo de Pesquisa e Estudos em Geografia da Infância-GRUPEGI/CNPq. Email: [sol.barenco@gmail.com](mailto:sol.barenco@gmail.com)

aquela manhã estava particularmente mais fria que as outras da estação. Percebia-se isso não só pela intensa neblina que cobria toda a escola e o bairro, mas pela quantidade de toucas, gorros, blusas, cachecóis e luvas que agasalhavam as pessoas. Foi com todas essas roupas que Micael entrou. Era mais uma criança daquela sala. Sorridente como sempre, logo foi recebido por todos que ali estava. Rapidamente tirou a toca e as luvas e sentou-se no chão. “Estamos conversando sobre o que fizeram ontem” comentou a professora. Micael não tardou em dizer: “comi cebola desmaiada com carne”. As crianças riram e os adultos fizeram um certo olhar de espanto. Logo a professora perguntou: como é cebola desmaiada? Ele respondeu: “toda molinha”, falou fazendo o movimento com todo corpo. A história acabou aí. A conversa sobre comida continuou, pois a fala de Micael levou a várias crianças a comentarem sobre suas refeições. E fiquei com aquelas palavras anotadas e guardadas: cebola desmaiada era um termo que nunca havia ouvido, ou pelo menos não fazia parte de minhas lembranças. Mas também não dei muita importância, pois outros temas e questões direcionavam mais meu olhar naquele momento.

A nota de campo transcrita por nós anteriormente, foi produzida no primeiro semestre de 2014, praticamente um ano depois da escrita desse texto e a escolhemos porque, recentemente, o termo cebola desmaiada re-apareceu, mas num outro contexto muito diferenciado, tratava-se de um programa de culinária em que as cebolas douradas e amolecidas em azeite, recebiam o mesmo tratamento feito pelo Micael. Dois eventos situados em espaços e tempos diferenciados, que nos remetem para pensar sobre o fazer pesquisa, sobre as especificidades de fazer pesquisa com crianças, sobre os autores que tem nos acompanhado em nossas caminhadas: Lev Semionovich Vigotski e Mikhail Bakhtin e sobre os estudos que tem nos envolvidos nos últimos anos: as lógicas e autorias infantis.

E é sobre tudo isso que esse texto se debruça, mas nessas páginas, nossas palavras darão ênfase, sobretudo, as contribuições de Bakhtin (obras diversas) para pensar alguns aspectos que consideramos significativos na pesquisa com crianças.

As palavras de Micael e do apresentador do programa de culinária apesar de serem as mesmas são enunciados diferenciados, estão intimamente arrolados em seus espaços e tempos, com vivências que marcam cada uma das experiências. Aqui encontramos um primeiro conceito importante a ser considerado na pesquisa com pessoas e claro, com as crianças, e partir dele arrolaremos outros conceitos, trata-se da ideia nomeada por Bakhtin por cronotopia<sup>3</sup>.

---

3 Apesar de navegar por diversos textos e páginas das obras de Bakhtin, o termo recebe uma especial dedicação em “Formas de Tempo e de Cronotopo no Romance – Ensaio de poética histórica e também nas “observações finais”, ambos textos presentes no livro *Questões de Literatura e de Estética*, a teoria do Romance (ver bibliografia).

De uma forma geral podemos dizer que cronotopia é o encontro entre o espaço e o tempo, suas fusões, aproximações e distanciamentos, um cozer que nos lembra que o tempo é histórico e o espaço é geográfico, amalgamas fundamentais que tecem o fazer humano, seus discursos, suas linguagens e suas existências, não há essência humana fora dessas dimensões.

Conceito que rompe com as narrativas que se buscaram tornar hegemônicas na modernidade, movimento que primou pela cisão do espaço-tempo, dando ênfase ao segundo. As vozes na história passaram a ser vistas e ouvidas como uma sucessão de eventos, sem simultaneidades e sem experiências de coetaneidades, o tempo linear passa por um espaço também linear e toda a humanidade caminha em busca de uma redenção alocada num futuro a ser alçado, cujo passado deixa de existir e o presente se torna um lampejo fugas, instâncias a serem superadas. As palavras de Harvey (2015) ilustram essa condição ao falar do tempo:

Um dos mitos da modernidade é que ela constitui uma ruptura radical com o passado. A ruptura é supostamente de tal ordem que possibilita enxergar o mundo como uma tabula rasa, sobre a qual o novo pode ser inscrito sem referência ao passado – ou, se o passado ficar no caminho, mediante sua obliteração. (...) Com frequência é difícil decidir se a ruptura radical se dá no estilo de fazer representar as coisas em diferentes setores, como literatura e artes, planejamento urbano e organização industrial, política de, estilo de vida ou que quer que seja, ou se os deslocamentos nesses setores se encontram em alguns locais e épocas fundamentalmente importantes, de onde forças agregadas da modernidade se expandem para fora, engolfando o resto do mundo (p. 11).

A mesma condição aparece em relação ao espaço, como relatado por Massey (2008) ao trazer as narrativas típicas do processo colonial na condição de “viagens de descobertas”:

O modo em que, hoje em dia, frequentemente, contamos essa história, ou qualquer um dos relatos de “viagens de descoberta”, é em termos de cruzamento e conquista do espaço. Cortés viajou através do espaço, encontrou Tenochtilán e tomou-a. “Espaço”, nesse modo de falar, é uma grande extensão através da qual viajamos (p.22).

Na modernidade espaço e tempo passam coexistir em trajetórias paralelas, desejos que se voltam em uma única direção, mas com hierarquias evolutivas, que colocam povos, pessoas, locais em diferentes perspectivas históricas e geográficas. Retornado as palavras de Massey (idem):

Mas o modo como imaginamos o espaço tem seus efeitos –como teve para Montezuma e para Córtes, de formas diferentes para cada um. Conceber o espaço como viagem de descobertas, como algo a ser atravessado e, talvez, conquistado, tem implicações específicas. Está implícito que se considera o espaço como solo e mar, como a terra que se estende ao nosso redor. Implicitamente, também, faz o espaço parecer uma superfície, contínuo e tido como algo dado. Ele faz diferença: Fernão, ativo, um construtor de história, viaja sobre sua superfície e encontra, sobre ela, Tenochtitlán. (...) Portanto, esse modo de conceber o espaço pode assim, facilmente, nos levar a conceber outros lugares, povos, culturas, simplesmente como um fenômeno “sobre” essa superfície terrestre (...) eles ficam desprovidos de história. Imobilizados, esperam a chegada de Cortês (...) (p. 22-3).

Bakhtin (obras diversas) nos lembra que a vida humana se institui para além dessas fronteiras que parecem não se encontrar, mas que teima existir em nossas presenças e em nossas histórias. O conceito de cronotopia nos lembra que tempos diferentes coexistem num mesmo espaço, assim como espaços diferentes coexistem num mesmo tempo. Harvey (2011) nos adverte que “o espaço e tempo são categorias básicas da existência humana” (p.187), mas que “raramente discutimos o seu sentido” (idem).

Essa é a vida de Micael e das outras crianças presentes naquela instituição, é assim a vida dos adultos que por ali não apenas circulam, mas fundam suas vidas cotidianas. A cebola desmaiada aparece num momento-local, mas também em outros momentos-locais, o que nos cria a falsa impressão de que o discurso de Micael nunca saiu do lugar, é apenas uma temporalidade atravessada pela história, ecos do espaço-tempo, mas no meio de tudo isto está a vida vivida em sua plenitude humana. Por isso Vigotski (2010) fala em vivência (*perijivanie*) e a entende como a unidade de pessoameio, pessoasmeios se forjando constantemente, por isso Bakhtin fala em exotopia e extralocalidade como uma das marcas das relações dialógicas, em excedente de visão como instauração da incompletude humana fragilmente elaborada na filogênese dessa espécie. Cebolas desmaiadas são eventos irrepetíveis na vida de Micael narrados naquela fria manhã de inverno, são acontecimentos que trazem, aparentemente, experiências possíveis de serem recriadas e reeditadas, mas que guardam em si a constante criação do novo e seus inacabamentos, bem como nos expõe Geraldini (2010) “(...) o novo não está no que se diz mas no ressurgimento do já dito que se renova, que é outro e que vive porque se repete” (p. 81). Evento presentificado em passado-futuro na arena do acontecimento que é vida de Micael e de todos ali, presentes na roda ou distantes daquela escola de Educação Infantil, mas que tem no tempo e no espaço a dimensão de cronotopia, carregados, de histórias

e geografias. Todos guardadores, expositores e doadores de pessoas, coletividades, de tempos e espaços e nesses singularizam sua compleição. Cebolas desmaiadas são comparecimentos, são acontecimentos.

Nesse sentido, a pesquisa com nos encaminha para refletir sobre as cronotopias, para um excedente de visão e para nossa responsabilidade ética nessa relação do eu-outro e nos obriga a perguntar: como exponho esse outro-eu? Se o autor sabe algo que o personagem por ele narrado desconhece, o personagem ao separar-se do autor, lhe impõe a obrigação responsiva do narrar. Bakhtin fala em tangentes nessa relação (2014) e critica a lógica de uma ciência que enclausura as palavras, que forjam “monologias”. O narrar responsivo deve considerar e abrigar cronotopias e todas as suas grandezas.

Talvez aqui valesse a pena trazer uma pequena história, não de crianças, mas de adultos, seus discursos e cronotopias, que mesmo em sua ficção traz elementos que gostaríamos de contar. Maria acabara de assumir um cargo, por concurso público, numa instituição, acabara de chegar em...e chegar emé entrar em espacialidades e temporalidades pré-existentes. Mas outro espaço e tempo também a atravessava, ela acabara de ser aprovada num programa de pós-graduação strictu-sensu. Passado os anos de seu trabalho de pesquisa, ela buscou escrever sobre a história das pessoas que já passaram por aquele espaço. Histórias passadas que se encontram com uma história presente, espaços passados que se encontram com um espaço presente. Consciências! Confluências! E para além da simples descrição, o que ela narra são simultaneidades territoriais, pois se uma das expressões espaciais é a sua tecitura territorial, esse também pode ser percebida em relação ao tempo e a narrativa.

Reafirmamos o exposto por Harvey (Obra citada): “O espaço e o tempo são categorias básicas da existência humana”. É assim que Bakhtin funde homens, mulheres e crianças com espaços e tempos, criando intimidades de linguagens singulares e compartilháveis e que retira do sujeito qualquer condição de objeto, mesmo daqueles silenciados. Afinal, se o “sentido da palavra é totalmente determinado pelo seu contexto” (BAKHTIN, 1992, p. 106), podemos inferir que nossa existência se faz em confluências narrativas atreladas em nós (e em nós) cronotópicos. Não de espaços como palco para os seres humanos, não como tempos que se escorrem por entre as pessoas, como se espacialidades e temporalidades escorressem como líquidos pela epiderme humana. Mas falamos em enraizamentos.

É assim que ele devolve ao ser humano, coisificado na história, a sua humanidade. É assim que nos convida a fazer pesquisa...

As ciências exatas são uma forma monológica de conhecimento: o intelecto contempla uma coisa, pronuncia-se sobre ela. Há um único sujeito: aquele que pratica o ato da cognição (de contemplação) e fala (pronuncia-se). Diante dele, há a coisa muda. Qualquer objeto do conhecimento (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido a

título de coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado a título de coisa porque, como sujeito, não pode, permanecendo sujeito, ficar mudo: conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico (BAKHTIN, 1992, p.403).

E as ciências humanas tornam-se também humanas, pois essas “não se referem a um objeto mudo ou a um fenômeno natural (Bakhtin, 1992, p. 406), mas ao ser humano em sua especificidade, que é a potencialidade de “expressar-se sempre (falar), ou seja, de criar um texto” (idem), pois quando homens, mulheres e crianças são estudados fora do “texto e independentemente do texto, já não se trata de ciências humanas (mas de anatomia, de fisiologia humana)”. (idem)

Bogdan e Biklen (1994) num texto que tornou-se clássico sobre pesquisa qualitativa, propagam as reviravoltas que ocorreram em meados do séculos XX e que levaram a instituição de um novo modelo de pensar a investigação, de lá até hoje, o termo “qualitativo” e “interpretativo” ganharam força e se tornaram comuns nos espaços de pesquisa no campo das ciências humanas. Os cinco pontos citados pelos autores, como sendo os compartilhados pelas diversas tradições presentes nesse modelo de conceber o trabalho de pesquisa, tornaram-se obrigatórios em qualquer investigação que aporte a cultura humana como um dos seus preceitos. Distinção importante em tempos que o discurso sobre quali-quantit volta a aproximar as duas terminologias e que reduz o debate aos dados produzidos. Algo, a nosso ver, complicado de ocorrer, pois tratar dados quantitativos de forma qualitativa é bem diferente de fazer pesquisa qualitativa, pois a alteração está em sua gênese e não somente em seu processo e acabamento final, uma vez que a pesquisa qualitativa parte da condição singular das relações que se estabelecem na sociedade e nas reminiscências culturais.

Se esses preceitos aproximam as tradições qualitativas dos postulados Bakhtinianos, pois todos tem no outro e em suas significações o cerne da pesquisa, um dos movimentos que ficou também clássico nos círculos qualitativos, foi a busca de estabelecer categorias a partir do cotejamentos diferentes “outros” pesquisados, mas aqui cabe a nós uma pergunta: como fica a dimensão da autoria nesse processo? Apontamos para seu desaparecimento? E as singularidades que aparecem no campo? Para onde são varridas?

Isso nos faz voltar a situação da responsabilidade na pesquisa e no compromisso do pesquisador com seu outro e nos faz encontrar quatro ou cinco cavaleiros que debatiam questões significativas numa casa em Santa Teresa:

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a

sala era pequena, alumada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo. Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação (Machado de Assis, 1994).

Jacobina era o nome dele. Ele se manifestou a pedido de um outro integrante quando o debate chegou na natureza da alma humana e se posicionou quanto ao número de almas que todos carregamos:

Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...(...) Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para entro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. (...) Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma... (idem).

E relata um caso vivido por ele, quando tinha em torno de 25 anos de idade, quando foi nomeado alferes da Guarda Nacional e tornou-se orgulho para vários membros da família, que não tardavam em chamá-lo de “seu alferes” em todas as ocasiões. A notícia chega a uma tia distante, D. Marcolina, moradora de um sítio, que desejava ver o alferes e sua farda e que já havia avisado aos demais parentes que não o deixaria voltar antes de um mês. E quando por essas bandas chegou, ai perdeu seu nome, era só o “senhor alferes”, reconhecido pela tia e pelos poucos presentes naquela distante morada. E para alegrar a imagem do alferes, a tia mandou para o seu quarto um grande espelho, originário da corte de dom João VI e vivendo tudo isso ele pode afirmar: “O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade” (idem).

Mas uma notícia grave leva a tia a se ausentar do sítio e em poucos dias o alferes estava só, sem a presença de ninguém, pois os escravos aproveitaram e fugiram numa das noites, era só ele, por isso “os dias foram mais compridos, nunca o sol abrasou a terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de século a século no velho relógio da sala, cuja pêndula tic-tac, tic-tac, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade”. (idem) E estranhamente, desde que ficara só nunca mais se olhou no espelho, orgulho de si e da farda que pendurava no corpo. E nas poucas vezes que fazia isso, algo revelador ocorria:

(...) no fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação.

E teve uma ideia:

Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez (idem).

Esse conto de Machado de Assis, intitulado o espelho, nos permite pensar os liames expressos por nós até o momento e coloca a pesquisa na sua condição constante de incidência, pois “o certo é que o investigador em ciências humanas trabalha com o outro, sujeitos de suas pesquisas (autores, oradores, entrevistados, depoentes) (Geraldi, 2012). Isso que nos leva a ponderar com compromisso da restituição: como fica a nossa relação com o pesquisado após o fim da pesquisa? Abandono do pesquisado? Lembramos que todo movimento de pesquisa é um movimento instituinte, por isso

o pesquisador torna-se responsável por aquilo que pesquisa e conseqüentemente, escreve e publica.

Ainda resta-nos uma pergunta: se a vida narrada tem um mundo narrado, como transcrever esse mundo e quais os limites do que entra ou não entra? Cremos que a autoria do pesquisador entra em jogo nesse momento, mas junto a ela o tema e a questão de pesquisa também entram em jogo, talvez um bom limite seja a questão que deu gênese ao trabalho, aquilo que entra em diálogo deve estar presente, que ajude outros a compreenderem a própria pergunta do pesquisador. Mas se a questão traça um limite tênue, ela não pode ser uma barreira, o pesquisador deve ser capaz de ultrapassar essa (im)posição para assumir outras posições responsáveis.

Pensamos em como cebolas desmaiadas animaram a noite anterior de Micael e como essa se tornou uma memória a ser narrada para o(s) outro(s) no dia seguinte, mas pensamos como as cebolas desmaiadas nos permitem a ir além daquele espaço e tempo e instituiu a possibilidade de refletir sobre fazer pesquisa com...

#### Referências

BOGDAN, Robert C. & BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BAKHTIN. Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e de Estética**. A teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 2014.

ASSIS, Machado de. **O Espelho**. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=1948](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1948) Acessado em: agosto de 2015.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Loyola. 2011.

\_\_\_\_\_. **Paris, capital da modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2015.

MIGNOLO, Walter D. "Os esplendores e as misérias da 'ciência': colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica". In: SANTOS, Boaventura de S. (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: "um discurso sobre a as ciências" revisitado**. São Paulo: Cortez, 2006.

VIGOTSKI, Lev S. **Quarta aula: a questão do meio na Pedologia**. Psicologia USP, São Paulo, 2010, 21(4), 681-701.